

Versão Online ISBN 978-85-8015-093-3
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Artigos

2016

COMPREENDER PARA RESPEITAR: “AS MANIFESTAÇÕES AFRO-BRASILEIRA NA ARTE CONTEMPORÂNEA”

Maria Luiza Bossoni de Paula¹ (Professor PDE 2016/2017)
Jardel Dias Cavalcanti² (Orientador IES - PDE)

Artigo produzido como trabalho final do Programa de Desenvolvimento Educacional PDE/ SEED – 2016 – na área de Arte acompanhado pela Universidade Estadual de Londrina - UEL.
Orientador: Dr. Jardel Dias Cavalcanti.

RESUMO

O artigo presente discute a história do racismo na sociedade e dentro do espaço escolar e procura construir conhecimentos e vivências pedagógicas para a conscientização dos educandos sobre a problemática do racismo. Tem como objetivo conscientizar os educadores sobre essa questão para erradicar ou diminuir os elevados índices de preconceito racial que ocorrem dentro do espaço escolar, mesmo com a lei 10699/03, que ampara e garante o direitos às pessoas negras e que visa promover a equidade social através da formação de uma nova consciência sobre as matrizes étnicas e culturais do Brasil, já que as mesmas nem sempre são colocadas em prática. Faz-se necessário, portanto, investir na formação de professores para a construção do conhecimento prático capaz de tratar de forma pedagogicamente adequada as questões raciais no espaço escolar. São estudos sobre o tema da cultura afro-brasileira que poderão ajudar os educadores e alunos a lidar com nossa realidade de forma mais adequada. O grupo de estudos presente em meu projeto veio de encontro com as necessidades e dificuldades dos professores em trabalhar o tema em sala de aula. Para compreender a origem do preconceito na escola, primeiro precisamos entender como ele se originou na sociedade. Uma escola com profissionais bem informados sobre a diversidade cultural poderá ser mais democrática e justa. Os resultados obtidos no grupo de estudos com os educadores do Colégio Olavo Bilac, no período de implementação do projeto, se deu de forma produtiva e satisfatória, demonstrando que existe, sim, preconceitos nas instituições de ensino e dificuldades em desenvolver esse tema em sala de aula, mas que essa prática deve ser banida desse espaço escolar, com a superação das diversas formas de desigualdade, avançando no combate ao racismo e promovendo a inclusão, pois só assim teremos uma sociedade mais justa, igualitária e de paz.

Palavras chave: Preconceito Racial; Diferenças; Escola; Respeito.

¹ Professora da Rede Pública do Estado do Paraná, atuante no Colégio Estadual Olavo Bilac no município de Cambé. Participante do Programa de Desenvolvimento da Educação – 2016, na área de Arte, na Universidade Estadual de Londrina.

² Professor orientador deste artigo – Departamento de Arte Visual - CECA / Universidade Estadual de Londrina.

1 INTRODUÇÃO

O combate ao racismo é um dever da sociedade como um todo. Todos devem se unir, estudar e trabalhar pelo fim da desigualdade racial e social no Brasil.

O mito da democracia racial que se instalou no Brasil precisa ser desfeito e vale ressaltar a importância da formação dos profissionais da educação na construção teórica de um currículo crítico, ações que visam possibilitar que o docente repense e reconstrua seus saberes, com competência pedagógica e que contemple as novas demandas da sociedade brasileira hoje voltada para a equidade e diversidade cultural.

Trabalhar com as diversidades culturais explorando as diferenças étnicas raciais que estão expostas, tanto na sala de aula como na sociedade, é possibilitar a reflexão crítica, o pensar do aluno a partir de seu lugar, de suas experiências de vida.

Diante disso, esse estudo tem como objetivo produzir uma discussão sobre o preconceito racial na escola, a mulher negra na sociedade brasileira, a arte afro-brasileira e traçar apontamentos sobre as formas de superação dessa prática no ambiente escolar. Será utilizada a metodologia de pesquisa teórica, material eletrônico e oficina. Tornando assim clara a discriminação racial em todos os lugares e principalmente na escola e de que modo ela pode ser eliminada.

2 O NEGRO PERANTE A SOCIEDADE

2.1 Preconceito Racial

O preconceito racial sustenta a ideia de superioridade de raça em relação à outra, uma atitude sem reflexão, um julgamento sem justificativa. É conceito de algo que não conhecemos ainda, conceito que fazemos de imediato. O preconceito é aprendido quando ainda estamos passando pelo processo de socialização no seio da família, e nas entidades sociais, como a igreja e a escola. De acordo com Mendes (2010) a palavra conceito é formada pelo prefixo latino “pré” (anterioridade, avaliação). O preconceito é, portanto, o conceito formado antes de se ter os conhecimentos necessários; é a opinião formada antecipadamente, sem maior ponderação.

O crime de racismo, previsto na lei nº 7.716/1989, implica conduta discriminatória a um determinado grupo ou coletividade. Cabe ao Ministério Público a legitimidade para processar o ofensor. A lei enquadra uma série de situações como crime de racismo: recusar ou impedir acesso a estabelecimento comercial, às entradas sociais em edifícios públicos ou residenciais e elevadores ou escadas de acesso, negar emprego em empresas privadas, entre outros.

O preconceito racial no Brasil opera em três dimensões: a moral, a intelectual e a estética. É preciso ampliar a compreensão do tema para então problematizar um campo do currículo escolar que privilegie um deslocamento do olhar sobre os negros na nossa história e cultura.

O racismo pode atingir diferentes graus de intensidade, desde um simples pensamento até os casos mais extremos de agressão física. As ações discriminatórias na maioria das vezes não são intencionais já que ocorrem de forma sutil em brincadeiras ou em expressões comuns de determinados grupos.

2.2 O papel do Estado brasileiro na manutenção e superação do racismo

Opressão, pobreza e invisibilidade: a responsabilidade histórica do Estado.

O Estado brasileiro tem uma responsabilidade histórica na construção e manutenção das enormes desigualdades raciais existentes no país atualmente. Foi o Estado quem legitimou o regime de escravidão, institucionalizando e legalizando o tráfico de africanos e a sua existência como mercadoria na mão de senhores brancos. Em um segundo momento, após a abolição da escravatura, o Estado promoveu uma deliberada política de branqueamento da população, com o incentivo à imigração de origem europeia. Essa política foi implementada tendo como justificativa ideológica a suposta superioridade da “raça” branca, incentivada pelo racismo científico da época. Segundo Andrews (2004, p.118), a ideologia dominante propagava que “para ser civilizada, a América Latina teria que se tornar branca”.

2.3 Preconceito no Espaço Escolar

O espaço escolar é um lugar de construção não só do conhecimento, mas também de valores, de identidade, de afetos e é onde encontram-se todas as diversidades de uma sociedade. A escola é um ambiente privilegiado para se iniciar o processo de conhecimento da diversidade cultural, podendo direcionar o aprendizado ao respeito mútuo e o convívio democrático com a diferença.

A escola como um todo não tem exercido com qualidade e de forma satisfatória seu papel de favorecer o convívio justo entre os grupos que formam a população brasileira, ainda estão longe de serem democrática, pois de fato não possuem um currículo que atenda a diversidade. Sabemos que a temática História da África, da Arte e da Cultura Afro-brasileira deve ser trabalhada dentro do currículo escolar de acordo com a lei 10.639/03 que torna obrigatório o ensino da mesma. Justamente com a obrigatoriedade da lei vemos a falta de preparo do professor diante desse assunto, essa falta de informação e

formação que auxiliem o professor sobre determinadas questões, colaboram para que a implementação da Lei se torne ainda mais distante da sala de aula.

A escola é o lugar onde precisa resgatar e reavaliar alguns conceitos dessa desigualdade e discriminação. Segundo o PCN:

Historicamente, registra-se dificuldade para se lidar com a temática do preconceito e da discriminação racial/étnica. Na escola, muitas vezes, há manifestações de racismo, discriminação social e étnica, por parte de professores, de alunos, da equipe escolar, ainda que de maneira involuntária ou inconsciente. (PCN, 1997, p.122)

Valorizar, respeitar e compreender a diversidade cultural e racial de crianças e adolescentes é fazer da escola um espaço onde a diferença seja o foco para uma educação que busque na diversidade cultural um modo de educar promovendo o reconhecimento e o respeito com essas diferenças, e permitindo ainda a interação com os diferentes grupos étnicos num processo contínuo de aprender e ensinar.

O papel da escola é de fornecer aos alunos condições para que as culturas sejam valorizadas com a função de desfazer os equívocos cometidos historicamente, portanto:

Se é verdade que a política escolar visa preservar a organização política e econômica vigente através das práticas escolares, é verdade também que ela expressa as contradições da sociedade, de modo que os resultados podem levar à contestação da ordem social, a sociedade política não é um loco compacto e harmônico (LIBÂNEO, 1994, p. 134).

A temática afro-brasileira no Brasil necessita ser mais discutida e aprofundada à luz das novas teorias históricas, como os Estudos Culturais, com um diálogo entre as distintas áreas do conhecimento. Para isso é importante refletir a lei 10.639/2003 propondo soluções práticas de ensino para o entendimento das manifestações culturais, promovendo uma educação étnico-racial pautada na alteridade e no multiculturalismo na busca de uma educação inclusiva e participativa, com a inserção da História, memória, e práticas culturais dos negros, permitindo aos afro-brasileiros a afirmação de sua identidade, e a valorização histórica.

A reprodução do racismo na escola é um dos temas mais relevantes da agenda dos movimentos sociais negros, em todo o país. Não sem razão, evidentemente. De acordo com Moreira (1997) "Por trás das altas taxas de

infrequência, repetência e evasão escolar verificada entre as crianças negra, existe, um denominador comum: a estigmatização e a desqualificação delas em razão do racismo”.

É difícil ser uma criança negra dentro da escola, um ambiente que o diferente é visto como desigual. A cultura negra é construída não só a partir do olhar que o negro tem de si, mas também da relação que ele tem com o olhar do outro sobre ele.

Não são poucos os atos racistas que ocorrem dentro da escola, que colocam os alunos brancos como superiores. Nossas escolas ainda não são adequadas para erradicar o racismo que ocorre em seu interior por falta de capacitação dos profissionais, precisamos de práticas e não apenas de projetos.

É importante frisar a necessidade de se formar educadores aptos para lidar com a diversidade cultural em sala de aula, esta questão passa pela formação inicial e continuada, bem como na busca de materiais didáticos e que o docente dispa-se de preconceitos pessoais em relação a questões raciais e que reflita sobre sua prática docente enxergando as diferenças da diversidade num prisma de alteridade.

A família, a escola e os professores tem um papel fundamental no sentido de preparar nossas crianças negras de forma epistemológica tendo em vista que a escola é um espaço social privilegiado de construção do conhecimento e luta contra todo tipo de preconceito especialmente o racial.

É importante que o educador propicie ao seu aluno um ambiente que estimule o respeito ao outro, formando assim cidadãos mais educados e respeitosos possuindo um espírito de coletividade e que reconheçam na educação a ponte para a liberdade perante a sociedade.

2.4 A mulher negra na sociedade

Ser mulher negra no Brasil significa estar inserida num ciclo de marginalização e discriminação social.

As mulheres negras se encontram ainda mais abaixo na pirâmide ocupacional, o mercado reserva as posições menos qualificadas, os piores salários, a informalidade e o desrespeito.

De acordo com Moreira (2007), o feminismo negro buscou estabelecer sua identidade através da experiência comum do racismo. As trajetórias de suas antecessoras foram entendidas dentro dessa mesma perspectiva, de modo que recuperar as histórias de suas ancestrais se tornou uma das bandeiras das ativistas negras. De fato, os Coletivos de mulheres negras criaram estratégias de valorização, reelaborando as biografias de mulheres negras alçadas à categoria de heroínas, como Dandara e Luiza Mahin, transformadas em símbolos da luta e da resistência da mulher negra (Domingues, 2009).

Como a afirmação de identidade étnica tornou-se estratégia de luta para os segmentos do movimento negro brasileiro, sentiu-se a necessidade de uma revisão histórica quanto ao período da escravidão no Brasil.

Ana Sebastião (2010) destaca o esforço das feministas negras em recriar o imaginário coletivo acerca da mulher afro-brasileira, buscando alterar os estereótipos e estigmas que as cercavam.

A identidade do negro está intrinsecamente ligada à sua relação com seu próprio corpo, no qual foram inscritos, ao longo da história, valores e crenças negativas que tendem a depreciá-lo.

De acordo com Nilma Lino Gomes (2006) a compreensão do corpo e da representação do negro no Brasil deve ir além da ideia de imitação do padrão branco. Pois, ao resumirmos a relação de manipulação do corpo negro a uma pura e simples imitação da estética do corpo branco, estaríamos tangenciando as implicações psicológicas e subjetivas do indivíduo.

A relação da mulher negra brasileira com a sua imagem nos apresenta um esboço da complexa realidade das relações sociais que permeiam a sociedade brasileira.

Compreendemos que a luta dos direitos humanos e contra a violência, o preconceito e a discriminação, não só contra as mulheres, mas contra todos aqueles que são vítimas, deve ser encarado como um mal a ser combatido, vigiado, punido e disciplinado.

O docente em sala de aula se vê diariamente diante de conflitos gerados pela convergência da diversidade cultural. A escola tem várias funções, desde o desenvolvimento intelectual à construção da cidadania. O professor dentro do espaço escolar tem a difícil tarefa de lidar com os conflitos

construídos por ideias preconceituosas e comportamentos discriminatórios. Os estudos e aprofundamentos em relação ao tema vêm para possibilitar a compreensão e reflexão sobre o processo de construção da identidade da mulher negra, construindo assim estratégias e práticas pedagógicas para lidar com o racismo no ambiente escolar, transformando seu próprio olhar.

2.5 A criança negra na escola

O trabalho de educação antirracista deve começar na Educação Infantil, o primeiro desafio é o entendimento da identidade. A criança negra precisa se ver como negra, aprender a respeitar a imagem que tem de si mesma.

As crianças são um bom caminho, pois reproduzem e colocam em prática com grande facilidade o que aprendem e sabemos que não basta tratar o racismo apenas na escola, mas sim erradicar o mesmo em toda sociedade.

Nos dias atuais nossas crianças negras ainda sofrem muito preconceito por causa da cor de sua pele. Temos alunos que deixam de ir à escola por uma grande bagagem de preconceitos do passado, e por isso essa grande necessidade de não contaminar nossas crianças com estereótipos negativos e sim conscientizá-las para não serem reprodutoras de racismo.

A menina de pele negra se questionada sobre beleza, imediatamente irá responder que é a de pele branca e se perguntar por que, a resposta será: porque acham as branquinhas de olhos azuis e cabelos louros e lisos mais bonitas. Com esta resposta já está estereotipada fazendo referências negativas a visão do negro em nossa sociedade.

[...] alguns alunos a rejeitavam. Diziam que não queriam sentar no mesmo grupo que ela nem realizar atividades coletivas junto com ela. Em algumas situações, piadinhas e chacotas eram feitas, envolvendo seu nome. Conversando com a professora, esta relatou-nos que ALC já havia reclamado do fato de alguns meninos ficarem “mexendo” com ela na hora do recreio e de rirem dela. “Escuridão”, “noite” eram apelidos utilizados por alguns meninos para se referirem a ela. ALC tinha traços de negritude bastante ressaltados (Oliveira, 2007, p. 47).

Na maioria das vezes certas ações discriminatórias não são intencionais já que ocorrem de forma sutil em tom de brincadeiras ou em expressões comuns de determinados grupos, tomando formas naturais e irrelevantes para quem discrimina e também para quem é discriminado, ou seja a vivência

desigual está tão impregnada em nosso cotidiano que nem nos damos conta que estamos semeando atos preconceituosos.

Nossos alunos negros, na maioria das vezes, tentam ser o mais discretos possíveis para não serem percebidos pelos colegas de característica branca, tentando assim evitar ser alvo de piadas, zombarias e às vezes até de agressões física e verbal.

É preciso mostrar os aspectos positivos do negro em nossa sociedade, nossas crianças precisam ter conhecimentos acerca das contribuições desses povos na formação da nação brasileira, precisam ser respeitadas como todos, precisam viver suas origens, sua cultura e não serem julgadas por essa sociedade preconceituosa. Temos a lei 10.639/03 que as protege e obriga o ensino de sua cultura, mas que não é cumprida como deveria por todas as escolas e também pela sociedade.

A família, a escola e os professores tem um papel fundamental no sentido de preparar nossas crianças negras de forma epistemológica tendo em vista que a escola é um espaço social privilegiado de construção do conhecimento e luta contra todo tipo de preconceito especialmente o racial.

Com a Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação, em 2005, um milhão de exemplares de cartilha das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Étnico-raciais foram distribuídos para as redes de ensino dos estados brasileiros.

Alguns dentre nós não receberam na sua educação e formação de cidadãos, de professores e educadores o necessário preparo para lidar com o desafio que a problemática da convivência com a diversidade e as manifestações de discriminação dela resultadas colocam cotidianamente na nossa vida profissional. Essa falta de preparo, que devemos considerar como reflexo do nosso mito de democracia racial compromete, sem dúvida, o objetivo fundamental da nossa missão no processo de formação dos futuros cidadãos responsáveis de amanhã. Com efeito, sem assumir nenhum complexo de culpa, não podemos esquecer que somos produtos de uma educação eurocêntrica e que podemos, em função desta, reproduzir consciente ou inconscientemente os preconceitos que permeiam nossa sociedade (MUNANGA, 2005, p. 15).

Por isso a necessidade urgente de se investir na formação de professores com o objetivo de se compreender a temática para superar as práticas do racismo no ambiente escolar.

3 COMO OLHAR A ARTE AFRICANA A PARTIR DA HISTÓRIA DO NEGRO NO BRASIL

O continente africano possui hoje cinquenta e três países e seus povos são diferentes uns dos outros quanto às características físicas, culturas e línguas (LOPES; GALAS, 2006). De lá, um grande número de escravos veio para o Brasil, dos séculos XVI ao XIX, partindo de diferentes regiões da África e desembarcando em terras brasileiras, em vários portos como o de Salvador e do Rio de Janeiro. Depois eram vendidos para trabalhar em diversos lugares do nosso território.

A história da arte no Brasil nasce com a mão negra e até hoje há uma rica contribuição de sua cultura na formação da nossa arte.

A arte africana chegou ao Brasil através de escravos, que foram trazidos para cá pelos portugueses durante os períodos coloniais e imperiais. Em alguns momentos, os elementos artísticos africanos fundiram-se com os indígenas e portugueses, gerando novos componentes artísticos.

Submetidos à escravidão até meados do século XIX, os africanos eram facilmente classificados pelos europeus como povos selvagens. Sem realizarem um estudo sistemático da cultura e da arte africana, os colonizadores logo criaram definições verbais para classificar os africanos e suas expressões de linguagem.

O estudo da história e das culturas africanas permite um novo olhar sobre a África. É preciso uma prática educativa de resgate de todas as culturas presentes na escola, promovendo a inclusão de todos, pela valorização de sua riqueza, exatamente por sua diversidade e um dos caminhos possíveis é através de uma efetiva educação em arte. A arte africana e afro-brasileira em sala de aula na construção de uma identidade O trabalho com a temática Cultura Africana e Afro-Brasileira nas aulas de arte requer um estudo mais específico no campo da produção artística. Isso exige do professor uma constante pesquisa para o estudo em questão. De acordo com Sales (2005), os artefatos produzidos na África, de uso decorativo e ritual, no contexto dos museus, tornaram-se objetos artísticos devido à impressionante qualidade estética, abrindo campo de investigação para a arte europeia.

A partir da necessidade de produzir conhecimento em africanidade no âmbito do ensino de arte entende-se que:

[...] é necessário trazer para a escola a arte que circunda o meio social, a arte que está na mídia, na arquitetura, nas vitrines, nas ruas, na moda, afim de que o educando compreenda arte como produção social. Para que ele também possa produzir objetos de arte que são narrativos de sua história de vida. Assim a arte produzida na escola pode apresentar aspectos do contexto social que os educandos estão inseridos, servindo lhes de instrumentos para a interação entre professor e aluno. (Barros e Gasparim, 2007, p.18).

No Brasil, a cultura africana, em sua diversidade, sofreu adaptações de crenças, valores e hábitos, adequando-se à realidade deste país, conforme necessidade e condições locais, pois, para Canduru (2007) “transportados forçosamente e escravizados, os africanos estiveram impedidos de reproduzir livremente suas culturas no Novo Mundo”. Para a constituição de uma arte genuinamente afro-brasileira é preciso considerar a estética, o destacado papel da religiosidade africana tradicional e o cenário sociocultural do negro em nosso país, como propõe Salum (apud CONDURU, 2007). As apropriações da cultura europeia e aproximações com os costumes de outros povos (nativos, ciganos e orientais) criaram diálogos com as diferentes culturas presentes na sociedade brasileira. Surge, então, uma arte sincrética, com fortes traços da religiosidade, unindo tradição africana e suas ressonâncias no Brasil. Todavia, esse tipo de obra ainda é marginalizado em nossa sociedade, constituindo-se numa arte de resistência à espera de intérpretes sensíveis (CONDURU, 2007).

As produções artísticas desde meados do século XX trazem uma característica singular e original, explorando diversas formas de abordagem de temas, ultrapassando a dimensão folclórica. São configurações ora abstratas ou geométricas, ora simbólicas ou míticas, constituindo-se como arte afro-brasileira. Nesse contexto, a arte afro-brasileira marca sua presença na sociedade contemporânea, pelos esforços e realizações dos artistas, que abrem caminhos e indicam rumos, levando-nos a reflexões sobre o valor de seus trabalhos, sendo parte integrante na formação da cultura brasileira.

A arte afro-brasileira só passou a ser valorizada, como expressão de grandeza de brasilidade, a partir do Movimento Modernista dos anos de 1920 e nas excursões que Mario de Andrade liderou por Minas Gerais e Nordeste. O

reconhecimento ganhou foros intelectuais com a criação da Universidade de São Paulo em 1934 e, a seguir, com a Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro.

4 ARTISTAS QUE TRABALHAM COM A CULTURA NEGRA

Artistas de origem africana que, mesmo tendo nascido fora da África, dialogam com a pluralidade de experiências estéticas e sociais presente nas regiões do continente. Podemos destacar dois grandes artistas contemporâneos: Yinka Shonibare com sua obra “The British Library e El Anatsui com a obra *Skylines*.

Além de Pablo Picasso (1881 – 1973) outros artistas ocidentais do século xx também assimilaram a influência da arte africana, renovando seus próprios meios de expressão. Também podemos citar Henri Matisse sendo sua escultura inspirada na estatuetária africana. Conforme registra José D’ Assunção Barros em um artigo sobre a Arte Africana na Arte Moderna, o diálogo com as variadas formas africanas de expressar e representar o mundo.

São construtores de uma visualidade contemporânea autoral afro-brasileira a produção dos artistas Rubem Valentim (1922 – 1991), Yêdamaria (1936), Rosana Paulino (1967), Mestre Didi (1917) e Caribe, dentre outros.

Rubem Valentim traduz as suas configurações em um abstracionismo geométrico, sistematizando, desconstruindo e retraduzindo os instrumentos pertencentes às entidades em signos plásticos, imunizados e privados de suas próprias virtudes originais.

A artista Yêdamaria vê a figuração como modo de alcançar a sua ancestralidade africana, em suas obras dos anos 1970, compostas de recortes e elementos emblemáticos e simétricos.

Rosana Paulino, artista visual brasileira, paulista, desde a década de 1990 utiliza em sua produção artística elementos da sua vivência familiar que ressoam na cultura de uma coletividade, a população brasileira, com seus laços diretos ou indiretos com a cultura trazida pelos africanos para o Brasil. Produziu sua arte ligada às questões sociais, étnico raciais e de gênero. Suas obras têm como foco principal a posição do negro e nos leva a refletir sobre as condições da mulher negra na sociedade brasileira.

Deoscóredes Maximiliano dos Santos, mais conhecido como Mestre Didi é alto dignatário do culto dos ancestrais na Bahia. Seus trabalhos, de cunho ritual são, sobretudo, esculturas feitas com produtos naturais e utilizados em ritos da religião afro-brasileira.

Em suas obras, Mestre Didi manipula materiais e formas, objetos e emblemas que expressam as entidades sagradas, unindo a produção artística à prática religiosa. Descendente de uma antiga linhagem ketu, foi iniciado no culto do orixá Obaluaiyê, que juntamente aos orixás Nanã e Oxumaré constituem o Panteão da Terra para os lorubas, servindo esses orixás como inspiração para suas produções. Como parte do Panteão da Terra, a força desses orixás estaria em elementos naturais como plantas e alguns objetos minerais, o que levou Mestre Didi a utilizar em suas esculturas materiais retirados da natureza, como palhas de palmeiras, conchas e búzios. As cores utilizadas também remetem a princípios sagrados, tendo por base o preto, o vermelho e o azul.

Muitos pintores e desenhistas se dedicaram a mostrar a beleza do Candomblé, Umbanda e Batuque em telas. O escultor e pintor Carybé dedicou parte de sua vida no Brasil esculpindo e pintando os Orixás e festas. Muitos artistas dedicaram-se a temática africana, como Lasar Segall, Tarsila e Portinari, e outros viram nos seus signos fonte para sua linguagem, como Rubem Valentim. Mais recentemente, Franz Krajcberg passou a utilizar essas marcas culturais e signos em suas intervenções retiradas de troncos queimados e paisagens agredidas pelo homem.

É comum encontrarmos a herança cultural africana representada em novas práticas culturais, uma vez que as manifestações, rituais e costumes africanos eram proibidos e só deixaram de ser perseguidos pela lei na década de 30, temos de frisar que a cultura afro-brasileira é parte constituinte da memória e da história brasileira.

Cabe ao professor, em sala de aula, propor ações para que alunos e comunidade escolar sejam capazes de compreender a complexidade dessas identidades. O professor precisa incluir em seus planos de trabalho docente a temática da cultura afro-brasileira, valorizando personagens negros em diferentes funções sociais, incorporando artistas, escritores e cientistas africanos e afro descendentes em suas aulas. Com a implementação através

do grupo de estudos pretende-se auxiliar o trabalho dos professores através de um plano de intervenção na escola, espera se também contribuir na discussão da prática reflexiva dos professores para que a escola propicie transformação e mudanças no comportamento da sociedade no que diz respeito às questões afro.

5 IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO NA ESCOLA

O projeto **Compreender para Respeitar: As manifestações afro-brasileira na Arte contemporânea, com foco no preconceito e discriminação dentro do espaço escolar**, foi desenvolvido em forma de grupos de estudos para profissionais da educação e agentes educacionais I e II no Colégio Estadual Olavo Bilac de Cambé no 1º semestre de 2017, no período de 27/03 à 20/06 de 2017.

O Grupo de Estudos teve a duração de 32 (trinta e duas) horas e foi realizado a noite dentro do espaço escolar, conforme o cronograma. Está previsto 8 encontros de 4 horas presenciais totalizando 32 horas. O número de participantes para composição do Grupo de Estudos teve no mínimo 05 e no máximo 15 integrantes. Cabe ao professor e agentes educacionais I e II participante, inscrever-se via online.

O método de abordagem utilizado no projeto foi o qualitativo, onde os encontros serão de forma interativa e expositiva, para um melhor aproveitamento por parte dos professores através da integração das propostas abordadas. Os aspectos qualitativos se fizeram presentes em todo o processo do projeto

É importante que os professores saibam, de modo geral, o conteúdo que irão trabalhar para que se sintam motivados para obter um bom resultado.

1º ENCONTRO - vídeo de abertura do curso – motivação

No primeiro encontro se deu com a apresentação da proposta a ser trabalhada. **Compreender para Respeitar: As manifestações afro-brasileira na Arte contemporânea, com foco no preconceito e discriminação dentro do espaço escolar.**

Cronograma, certificação e datas dos encontros.

Realizou-se uma pesquisa, levantamentos de dados em forma de questionário sobre os problemas de discriminação enfrentados dentro do espaço escolar, para que com base nas informações, futuras ações possam ser desenvolvidas.

Texto e apresentação de slides com as obras Rosana Paulino abordando a situação da mulher negra na sociedade brasileira com reflexão e questionamento: O que você acha que falta na sociedade brasileira para que a mulher, principalmente as negras, tenha o direito de liberdade e respeito?

Debate.

2º Encontro - Por que o racismo persiste no Brasil? Como podemos combatê-lo.

Vídeo da cultura africana.

Texto sobre o Racismo no Brasil.

Discutir criticamente o tema racismo.

Texto sobre Arte Africana e Afro brasileira. Com informações do texto, confeccionar máscaras com definições e significados utilizando materiais diversos.

3º Encontro

Filme: A Cor do Amor: A História de Jacey

Uma elegante dama, Geórgia, recebe a notícia de que sua filha e seu genro morreram em um acidente de carro. Geórgia leva sua neta de seis anos para viver em sua casa em uma pequena cidade do sul. Seu maior desafio será enfrentar o preconceito racial de seus amigos, assim como o seu próprio, uma vez que seu genro era negro.

Após a exibição do filme realizamos um debate visando análise e reflexão sobre o tema.

Texto: Criança negra e sua identidade na escola. Abordar aspecto positivo do negro.

4º Encontro

Palestra com a professora Marleide Rodrigues da Silva Perrude da Universidade Estadual de Londrina abordando o tema: **Os desafios da diversidade na escola.**

Desconstrução de estereótipos e preconceitos atribuídos ao grupo negro.

Momento para interação com a palestrante.

Discussão sobre a Lei 10.639/03 que torna obrigatório o ensino da temática História da África e Cultura Afro-brasileira no currículo escolar, com o objetivo de conscientização para uma educação antirracista e mostrar que a escola é um lugar de inclusão.

5º Encontro

Oficina Temática.

Breve relato sobre a história das bonecas africanas.

Bonecas africanas abayomi: Símbolo de resistência, tradição e poder feminino.

Momento de construção das bonecas abayomi.

6º Encontro

Texto: Mestre Didi: Visão de mundo e universo simbólico.

Reflexão e debate

Slaidos com obras de Mestre Didi.

Apresentar as características dos cultos afro-brasileiros, especialmente do candomblé e da umbanda e assim contribuir para a revisão de certas posturas e preconceitos correntes na escola e em diferentes setores da sociedade brasileira.

7º Encontro

Preconceito em sala de aula. Como pode haver racismo no Brasil se não há branco puro?

Em meio a diversidade de valores e culturas a que estamos inseridos, faz se necessário repensarmos nossas ações. Quais são suas ações para promover a paz entre seus alunos?

De acordo com os textos estudados anteriormente, nos reunimos em grupos e organizamos uma campanha contra o preconceito e discriminação em sua escola, elaborando materiais como: vídeo, cartazes, jornal, frases que promovam o respeito à diversidade cultural humana.

8º Encontro

Exposição dos trabalhos realizados e avaliação do curso.

O projeto foi aplicado para um grupo de professores que se interessaram e se dispuseram a mudanças e foi muito produtivo, correu tudo dentro do esperado. Qual foi minha surpresa, durante as reflexões e debates, foi depoimento de um professor negro que colocou para fora todo sentimento de dor e mágoa por também sofrer discriminação dos próprios colegas de profissão e de alunos, interessante que também se enquadram aí alunos negros. É importante tomarmos conhecimento da complexidade que envolve o processo de construção da identidade negra em nosso país. Precisamos construir uma nação livre, soberana e solidária, onde o exercício da cidadania não se constitua como privilégio de poucos, mas direitos de todos.

6 GTR – GRUPO DE TRABALHO EM REDE, 2017

Os professores que participaram do GTR de 2017 demonstraram comprometimento e interesse em práticas diferenciadas que venham a facilitar e favorecer no processo de ensino aprendizagem como também na questão da conscientização da importância da cultura africana e afro-brasileira.

O tema é relevante para a formação de nossos educadores, diferentes opiniões permitem compreender que outros professores também enfrentam os mesmos desafios diários no contexto escolar. Os depoimentos, opiniões e sugestões foram variados. Destacaram a falta de material em suas escolas e o tempo disponível nas aulas, as dificuldades em abordar o tema, mas apontaram a importância e a viabilidade da proposta apresentada e ainda destacaram que adaptariam e usariam em suas práticas, com seus alunos. O interesse pelo tema foi bem significativo, motivando os professores participantes para a busca de mais informações sobre o assunto, troca de ideias e experiências com outros professores da Rede Estadual de Ensino do

Paraná e sentir quanto o assunto é importante nas escolas. Esse processo ampliou conhecimentos e referências, promovendo novos olhares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desse estudo teve como premissa apresentar dentro de sua Unidade Didática, atividades no ensino de arte, tendo por base conteúdos da Cultura Africana e Afro brasileira, atividades que venham colaborar com o professor para um melhor desenvolvimento e abordagem do tema dentro da escola, que não nos impede enquanto educadores, transformadores e formadores de opiniões de levarmos o aluno a um contato com esta cultura, focando no respeito e aceitação de sua valiosa contribuição, para nossa diversidade cultural e social.

A formação continuada dos professores permite que compreendam a necessidade de aprimoramento da prática pedagógica, pois o ensino de Arte requer que o educador pense em termo de contribuir e proporcionar ao educando um resgate da cultura africana, enfatizando suas influências na arte brasileira levando o aluno a um contato com esta cultura. O professor poderá levar seus alunos a reconhecer e respeitar a diversidade étnico-racial, através de situações educativas, estudando contexto, propondo intervenções na escola junto aos alunos com valorização e garantia de direitos, rumo à construção de uma sociedade mais justa. A educação é a melhor via para a superação dos preconceitos e injustiças sociais.

Na medida em que o educador e os agentes educacionais I e II exercita a leitura e a reflexão, consegue com mais praticidade transpor para o educando, propondo aulas que propiciem sentimentos e emoções que a leitura oferece e poder intervir e mediar em situações de conflitos. É através dos encontros do grupo de estudos com os professores que temos a possibilidade de aprimoramento através das leituras, reflexões e debates, a troca de experiências e esclarecimentos sobre a Lei 10.639/03, onde o professor poderá proporcionar ao seu aluno um ambiente que estimule o respeito ao outro, formando assim cidadãos mais educados e respeitosos.

“ A voz de minha avó ecoou
Criança nos porões de navio...
Na voz de minha filha se
Fará ouvir a ressonância, o eco
Da vida liberdade”

Conceição Evaristo

REFERÊNCIAS

Andrews, G. (2004) **Afro-Latin America: 1800-2000**, New York: Oxford University Press.

ANJOS, Rafael S. A África, a educação brasileira e a geografia. In: Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03

BARBOSA, Ana M. **A imagem no ensino da arte**. SP: Perspectiva, 1996.

BARROS, Gabriela De Angelis; GASPARIN, João Luís. **As novas exigências histórico-educacionais do ensino de artes na contemporaneidade**. Acesso em 15/11/2013. Disponível em:
http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada7/GT4%20P

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertand Brasil. 1989.
GOMES, Mário V. **A alegria da criatividade: aspectos da arte do Bijagós. Museu Afro Brasil**. Salvador, 2008. Catálogo de Exposição.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria do Ensino Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade. Brasília: MEC/SERF, 1997.

Brasil. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais da educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília: MEC, 2004. Disponível em:
<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>. Acesso em: 06 de setembro de 2014.

CAVALLLEIRO, Eliane. **Racismo e Anti-racismo na educação: Repensando nossa Escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001.

CONDURO, Roberto. **Arte Afro-brasileira**. Belo Horizonte: C/ Arte, 2007.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial como direito à educação: a Lei nº 10.639/03 no contexto das lutas políticas da população negra no Brasil. Belo Horizonte: XV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, ENDIPE, 2010(no prelo).

_____. Limites e possibilidades da implementação da Lei nº 10.639/03 no contexto das políticas públicas em educação. In: HERINGER, Rosana; PAULA, Marilene de. (Orgs.). Caminhos convergentes: estado e sociedade na superação das desigualdades raciais no Brasil. Rio de Janeiro: Henrich Boll Stiftung; Action Aid, 2009, p. 39-74.

_____. Diversidade étnico-racial e educação no contexto brasileiro: algumas reflexões. In: GOMES, Nilma Lino (Org). Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.97-109. 13 GOMES, Nilma Lino et al. Identidades e Corporeidades Negras: Reflexões sobre uma experiência de formação de professores/as para a diversidade étnico-racial. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica 2006.

G. RICOSQUE. **Didática do ensino da arte – A linguagem do mundo**.

GOMBRICH E.H. – **A História da Arte**.

HABBAD D. A. e MORDIN D. G. **A Arte de fazer Arte** –. Editora Saraiva.

LIBÂNEO, José Carlos. **A Didática e as tendências pedagógicas**. São Paulo: IDEAS,1994.

MENDES, Iba. **A origem do “Preconceito”**. Disponível em:
<http://.etimologista.com/2010/04origem-do-preconceito.html>.

MOREIRA, Núbia Regina. **O feminismo negro brasileiro**: Um estudo do Movimento de Mulheres Negras no Rio de Janeiro e em São Paulo (Dissertação de mestrado). Campinas: Unicamp, 2007.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

_____. Negritude: **usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1986.

RAMOS, Arthur. **As culturas negras no novo mundo**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

Secretaria de Educação Continuada, **Alfabetização e Diversidade**. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

_____. Presidência da República Casa Civil Subchefia para assuntos Jurídicos. **Lei nº 10.639, de 09 de Janeiro de 2003**. Inclusão no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”. Disponível em [HTTP://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm). Acesso em: 07 de setembro de 2014.

_____. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: pluralidade cultural e orientação sexual. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. (Org). **De olho na cultura: pontos de vista afro-brasileiros**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2005.